



**QUANDO
EU TINHA
A SUA
idade**

**HOUVE UM TEMPO EM
QUE NASI ERA ESTUDIOSO
E TINHA UM NAMORO
COMPORTADO, CONTA O
CANTOR AO FOLHATEEN**

Págs. 10 e 11

folhateen

Jovens ikpengs no
Parque Indígena
do Xingu (Mato Grosso)

CRESCER PRECISA DOER? ➤

JOVENS ÍNDIOS, COM ACESSO À CIDADE E AO FACEBOOK, QUESTIONAM OS DOLOROSOS RITUAIS DE INICIAÇÃO DAS SUAS TRIBOS, COMO MARCAR O ROSTO COM ESPINHOS OU ENFRENTAR FORMIGAS VENENOSAS Págs. 6 a 9

➤ **HANNAH MONTANA, QUEM?** Miley Cyrus cresceu e agora gosta de Kurt Cobain e de Charlie Sheen Pág. 3

➤ **“SAFÁTIRO DO PÓS-CONTEMPORÂNEO”** Filho de senador faz sucesso com banda mística e frases malucas Págs. 4 e 5

COM VIAGENS E INTERNET, JOVENS ÍNDIOS AGORA QUESTIONAM OS DOLOROSOS RITOS DAS SUAS TRIBOS

CARLOS MINUANO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DO XINGU

A maioria dos índios adolescentes esmeia e chora. Serão tatuados à força no rosto com espinhos. Os jovens ikpengs do Xingu, que conhecem a cidade e gostam do Facebook, sabem que há lugares em que isso não existe.

Não há, claro, anestesia. Tudo acontece a seco. Trata-se de apenas um dos rituais dolorosos de iniciação na vida adulta que os jovens índios agora questionam.

Também no Xingu, há meninas que ficam mais de um ano reclusas ao menstruar pela primeira vez. Um pouco mais longe, no Amazonas, meninos enfiam a mão em luvas repletas de formigas venenosas (veja na pág. 8).

Mutuá, 13, é um dos que passaram pela tatuagem e reclamam. “Judicaram de mim, e eu era pesado para que me segurassem” —no caso dos ikpengs, em geral os índios são surpreendidos quando ainda estão dormindo.

O ritual continua acontecendo, queiram os jovens ou não. “Na minha vez eu também não queria, mas quando te pegam não tem como fugir”, admite uma das lideranças da tribo, Kumaré Ikpeng.

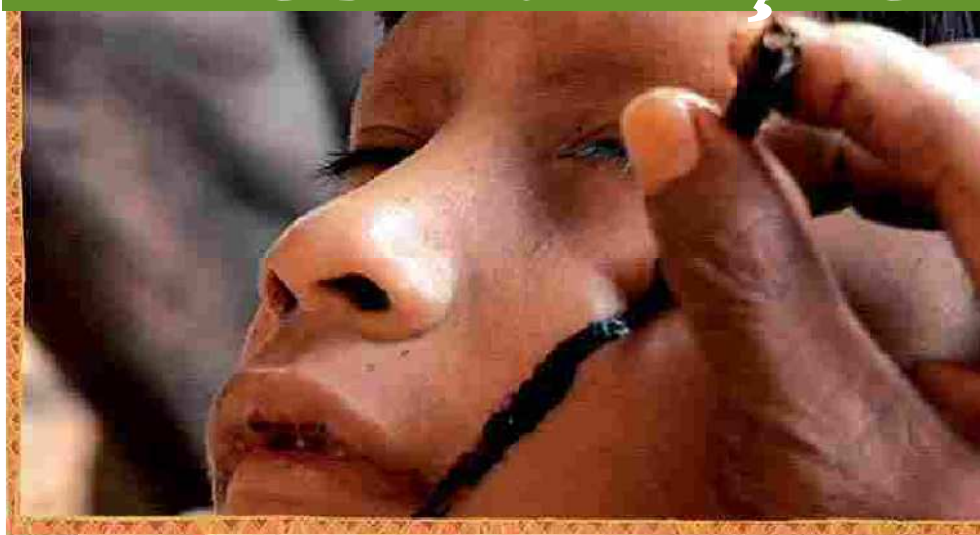
No Xingu, onde Kumaré vive, o mundo não indígena, porém, está cada vez mais presente —e o impacto é mais forte entre os adolescentes.



MAIS TWITTER. MENOS TRADIÇÃO



Um índio acessa a internet e outro recebe uma tatuagem forçada com um espinho no Parque Indígena do Xingu





Alex Almeida/Folhapress



Mari Correa/ Instituto Caititu

Por todo lado, por exemplo, há laptops e celulares. "Além disso, os homens têm muito contato com o mundo, viajam, estudam, muitos trabalham para a Funai", diz Sofia Madeira, antropóloga e doutoranda pela Unifesp.

"Alguns meninos não entendem a razão dos rituais, alguns se negam. Falam 'ah, na cidade não faz isso, né?'. O jovem vê o mundo na internet e o sonho dele se transforma, ele quer carro, Twitter, namorar uma branca."

Para Madeira e para Sofia Mendonça, médica-antropóloga do projeto Xingu (Uni-

fesp), o fenômeno preocupa, porém. "O fascínio pelo modo de vida que esses adolescentes encontram na cidade ao saírem para estudar é uma ameaça", diz Mendonça.

"Diferentemente dos mais velhos, estão em um momento de construção da personalidade, vulneráveis." Isso reforça a importância do rito de passagem, argumenta.

"Ele protege o jovem, auxilia nessa mudança de papel social. Nós, não indígenas, perdemos a noção da importância dos rituais de passagem, por isso tantos adultos seguem na adolescência."

"O fim desses rituais seria uma perda enorme"

DE SÃO PAULO

A antropóloga Sofia Madeira estudou, no Xingu, a reclusão de meninas kamayurás após a primeira menstruação. Elas ficam mais de um ano num cômodo escuro, sem ver homens e com uma dieta mais pobre.

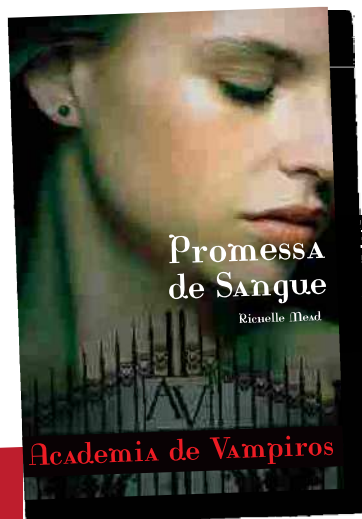
Ela considera, porém, os rituais importantes. "Eles não acontecem só para a menina, mas em comunhão com o que aquela sociedade quer. Seria um perda enorme se eles não existissem."

"É claro que às vezes as meninas ficam tristes, pois ouvem o barulho das outras correndo lá fora. Mas, nesse período, elas conversam com as mais velhas, aprendem como é a relação sexual, a fazer artesanatos, têm tempo para refletir."

Nas livrarias mais um sucesso da saga
Academia de Vampiros

Promessa de Sangue

"Amor e lealdade são mais fortes que o sangue"



www.ediouro.com.br

A
AGIR

Siga-nos no twitter:
[@agireditora](https://twitter.com/agireditora)

RITOS DA ALDEIA

➤ ALGUNS DOS RITUAIS QUE OS JOVENS INDÍGENAS BRASILEIROS PRECISAM ENCARAR

ESPINHOS

Tatuagens na face, a seco, com espinho de tucumã e resina de jatobá, com direito a retoques posteriores. Exemplo: meninos ikpengs

RECLUSÃO

Isolamento por mais de um ano após a primeira menstruação, sem cortar o cabelo e com alimentação limitada. Exemplo: meninas kamayurás

FORMIGAS

Usar várias vezes luvas repletas de formigas venenosas encravadas na palha, com ferrões para dentro. Exemplo: meninos sateré-maués

➤ LOCALIZAÇÃO DAS ETNIAS CITADAS



Meninos indígenas são mais questionadores que as meninas

DE SÃO PAULO

Se os meninos indígenas tentam fugir dos rituais e ficam perguntando por que na cidade é diferente, as meninas questionam menos.

Os antropólogos e visitantes que vão ao Parque Indígena do Xingu, por exemplo, relatam que é bem mais fácil estabelecer contato com homens do que com as mulheres, sempre mais reclusas.

“As meninas mais novas nem falam bem o português. Quando elas vão para a cidade, ao médico, estão sempre acompanhadas de um homem”, diz a antropóloga Sofia Madeira, da Unifesp.

“Os meninos todos têm

Twitter, Facebook, usam internet nos postos de atendimento de saúde. As meninas não são assim, seus sonhos são mais limitados. No sentido bom inclusive, porque elas perpetuam a cultura. O uso de álcool e drogas, por exemplo, é sempre majoritariamente masculino.”

Além disso, diz Madeira, as mulheres “não têm muito tempo para ficarem divagando sobre a vida”. “A mulherada trabalha dia e noite sem parar. Precisa manter o fogo aceso, trazer água limpa, fazer comida, descascar mandioca, capinar, cuidar de bebê. Na aldeia, você vê homens deitados na rede. Mulher você nunca vê.”



Ilustração Pablo Mayer

ESCUTA AQUI

ÁLVARO PEREIRA JÚNIOR cby2k@uol.com.br

A trilha sonora da morte de Bin Laden

SERÁ QUE que teve trilha sonora na morte de Bin Laden? Será que os caras chegaram tocando um metal bem thrash, para apavorar o sujeito?

Provavelmente não deu tempo. E acho que também não rolou sonzeira no fone de ouvido. A se acreditar na versão do governo dos EUA, foi uma ação muito rápida. O rock só iria atrapalhar.

Mas existem casos em que a música desempenha papel crucial — e não muito edificante — em ações militares e policiais.

Em 1993, adeptos de uma seita maluca chamada Ramo Davidiano se trancaram numa fortaleza em Waco, Texas, e de lá não saíram.

O FBI cercou o lugar. Alto-falantes despejavam música no volume 11.

O repertório: cantigas natalinas de Mitch Miller, um disco inteiro do Andy Williams (tipo um Frank Sinatra adocicado) e a clássica “These Boots are Made for Walking”, da cantora Nancy Sinatra.

O detalhe é que não deu resultado. Os davidianos se recusaram a sair, o FBI entrou à força e 76 morreram.

E tem outra variação: a música como instrumento de tortura. Segundo relatos, o death metal comia solto nas prisões do Iraque ocupado pelos EUA. A faixa favorita era “Fuck Your God”, do Deicide. “Enter Sandman”, do Metallica, explode tímpanos na prisão de

Guantánamo.

Segundo o jornal inglês “Guardian”, o Metallica também fazia “sucesso” em uma cadeia na fronteira Iraque-Síria. A reportagem, publicada em 2008, menciona também “We Are the Champions”, do Queen, e “Killing in the Name of”, do Rage Against the Machine (ironia: uma banda tão revoltada usada em tortura).

Voltando ao Bin Laden, novos detalhes surgem a toda hora. Quem sabe a trilha sonora não será um deles.

PLAYER



A banda Rage Against the Machine no SWU

W ASSISTA ON-LINE “FUCK YOUR GOD”, DEICIDE

Para você se sentir como um prisioneiro no Iraque: tiny.cc/ztn9r

LEIA ON-LINE MÚSICA E TORTURA

Reportagem do “Guardian”. Isso é que é pauta original: tiny.cc/snd3r

X DELETE “NÚ COM MINHA MÚSICA”

Marisa Monte, Rodrigo Amarante e Devendra Banhart unem-se num cover de Caetano. Pesadelo